

# Reconstrução da medicina humana

» DIACLÉCIO CAMPOS JÚNIOR

Médico, professor emérito de pediatria da UnB, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, membro titular da Academia Brasileira de Pediatria.

A prática da medicina pode promover a saúde das populações, desde que cultivada a relação humana como base sagrada da profissão. Para que se mantenha sua legítima origem e o respectivo legado histórico, há de ser valorizada como uma das ciências humanas.

Nos mais remotos tempos, a relação médico/paciente já revelava a sua natureza humanista. As abordagens diagnósticas e terapêuticas expressavam, na maioria das vezes, o teor intelectual e espiritual condizente com a essência do ser humano. É uma virtude a ser projetada acima do atual cientificismo químico e tecnológico cujas concepções são limitantes.

Algumas obras já analisaram bem o cerne da Medicina como ciência humana. Um exemplo é o livro *Causas Sociais da Doença*, publicado no Brasil em 1982, de autoria do psicólogo e clínico britânico Richard Totman. O tema foi abordado com estilo bem claro e convincente. O autor salienta a concepção da medicina psicossomática como forma de assistência que merece ser preservada, fortalecida e utilizada em favor da nobre causa da saúde. Os avanços farmacológicos e tecnológicos, alcançados nos últimos séculos, desvirtuaram a prática atual da profissão. Por isso, não se identifica a evidência científica de que a desumanização da Medicina é o efeito colateral de tais avanços.

Um dos conceitos referenciais, formulados com espírito crítico e construtivo, define o que deve ser realmente priorizado em favor da saúde das pessoas. Enfatiza o bem-estar físico, mental e social do indivíduo como condição única para o verdadeiro desenvolvimento da harmonia integral entre a mente e o corpo, sem a qual o conceito de vida humana desaparece. Essa valiosa visão reforça a relevância do papel reflexivo que não pode deixar de ser desenvolvido. Somente assim, será possível resistir ao modelo econômico materialista e consumista, que tomou conta da sociedade moderna por meio de crenças e dogmas tecnológicos, cujas consequências negativas são cada vez mais evidentes.

Grandioso exemplo de que a humanidade possui seus méritos nesse contexto é o conteúdo conceitual formulado em 1972, quando a Organização das Nações Unidas acrescentou os componentes sociais ao conceito de



ecologia. O meio ambiente passou, então, a ser definido como o conjunto dos elementos físicos, químicos, biológicos e sociais. É a síntese do padrão saudável das interações humanas, a ser implantado nos diversos modelos de sociedade em consonância com os princípios morais, éticos e altruístas que não podem ser menosprezados. Do contrário, a saúde deixará de ser vista como bem-estar físico, mental e social, mantendo-se sob o comando do cientificismo interesseiro e dominante. É essa a atmosfera da era industrial, que tem contaminado a maioria das concepções profissionais, afastando-as do seu acervo histórico para submetê-las ao capitalismo reinante.

A visão humanista, acima mencionada, atrai cada vez menos as novas gerações. São formadas em estreito alinhamento com o materialismo sem limites, prevalecendo o interesse empresarial que desarticula a maioria dos valores humanos cultivados no passado. Por isso, a indústria e o comércio de remédios e equipamentos prosperaram, sem limite, durante o período de globalização da economia, fase em que o consumismo de tais produtos passou a ser propagado ilusoriamente como a grande conquista em favor da promoção da saúde.

Assim, o valor prioritário do bem-estar físico, mental e social das pessoas foi substituído pelo tratamento das moléstias. Contudo, como já bem demonstrado, a redução das enfermidades não está ligada à prática da cultura do diagnóstico e terapêutica. Vai muito além. Resulta das ações e estratégias preventivas, concebidas e implantadas para que a sua frequência se torne cada vez menor. Em outras palavras, a saúde da população não requer número ilimitado de profissionais que identifiquem e tratem as doenças, mas o investimento prioritário nas medidas preventivas que contribuam para o declínio de sua incidência.

Todas essas reflexões devem ser abrangentes a fim de que a promoção do bem-estar físico, mental e social seja reconhecida e defendida como direito igualitário, coerente com os progressos promovidos em favor da cidadania. Em síntese, a medicina merece ser reconstruída humanamente, em benefício de todos e de cada um. Para tanto, é indispensável reformular o seu currículo de graduação universitária a fim de que, ademais do progresso tecnológico, os conteúdos das ciências humanas sejam incorporados ao perfil dos novos profissionais.

## Em vez de simpatias no réveillon, que tal um pouco de neurociência?

» CLAUDIO LARA

Mestre em programação neurolinguística e professor do MBA de Negociação e Vendas da PUCRS. Integra a equipe de elite da The Society of NLP. É condecorado como mestre em PNL pelo método Richard Bandler

Como diziam as mensagens que circularam na internet e nos grupos de WhatsApp, ninguém imaginava que daria banho em pacote de amendoim em 2020. E, decerto, nem de longe sonhava que teria que adentrar 2021 com esse mesmo hábito e toda população ainda interrompida em suas rotinas por uma pandemia que exige isolamento social. Mas, independentemente do sentimento de desconhecimento em relação ao futuro depositado na esperança de uma vacina que começa a se materializar, sempre que começa um novo ano, vem junto o desejo de agregar algo à nossa vida e ao trabalho. A chegada do novo, como diria Drummond, “por decreto de esperança”, traz uma sensação de que há um recomeço. Agora superdimensionado na certeza de que o mundo terá que encarar o chamado novo normal.

Ao contrário do que se imagina, essa expressão não surgiu com a covid-19. Após a crise financeira de 2008, ela começou a ser ventilada para descrever um novo cenário para as então economias emergentes, que passariam a apresentar um crescimento aquém do que vinha sendo visto. Hoje, falamos do novo normal para nos referir à mudança de hábitos praticada mundialmente por causa do controle da pandemia do novo coronavírus. Com o mundo tendo se resignado ao lar ao longo do ano, velhas práticas comuns tiveram de ser readequadas. Assim, muitos passaram a trabalhar e a estudar de casa, bem como ficaram mais dependentes de serviços de entrega. Aglomerações e reuniões em espaços fechados, como shoppings, bares e restaurantes, passaram a ser desaconselhadas, quando não proibidas.

Enquanto esse redesenho de rotina foi feito abruptamente, o novo normal não chegará da mesma forma. Pelo contrário, ele é um processo gradual, possivelmente transitório e que compreende idas e voltas. É impraticável que haja uma retomada total das atividades de uma hora para outra e é isso que tem se vivido em vários países europeus e asiáticos.

Quando o mesmo estágio de normalidade que vinha sendo experimentado até o início deste ano vai ser retomado ainda é alvo de intensos debates, mas as previsões indicam que isso só ocorrerá quando a vacina conseguir conter minimamente os altos índices de contágio da doença. Enquanto durar o clima de insegurança e incerteza, trazido pelo isolamento social, aglomerações e saídas constantes de casa seguirão sendo evitadas, ou pelo menos temidas.

Dadas as circunstâncias, era de se esperar que as redes nunca tivessem falado tanto sobre trabalhar de casa. Só na comunidade brasileira do Twitter, foram mais de 120 mil tuítes entre 7 de maio e 17 de junho que citavam o termo home office, enquanto, no mesmo período do último ano, foram apenas 7 mil. O recorte se deu bem no momento em que o Brasil ultrapassou a Itália em número de mortes pela doença e tornou-se o terceiro do mundo em número de óbitos em decorrência da covid-19. No Google, as buscas por itens de escritório, como escrivainhas e cadeiras, mais do que dobraram em relação ao último ano, revelando um certo desejo de buscar maior conforto para a realização de atividades à distância.

Com o início do distanciamento social, as pessoas definiram novas metas e fizeram novas promessas para aproveitar o tempo em casa: aprender um novo idioma, realizar exercícios físicos todos os dias, botar em dia projetos atrasados, ler uma quantidade exorbitante de livros. O ócio nunca foi tão criativo na vida. Pelo menos em teoria pois, para muitos, passar 2020 a limpo pode trazer um sabor amargo de ótimas intenções não concretizadas. O perigo está no fato de que o excesso de autoexigência pode ter um efeito oposto ao esperado, funcionando como um gatilho para sentimentos negativos, como ansiedade, frustração e sensação de fracasso.

É preciso também levar em consideração que a falta do círculo social, o acúmulo das tarefas, a falta do convívio familiar intensifi-

cado, o medo de contrair a doença e a preocupação com familiares e amigos, além das dificuldades financeiras, podem atrapalhar a conquista dos novos objetivos. Buscar alternativas e identificar os obstáculos para poder realizar as adaptações necessárias são algumas atitudes fundamentais para criar um equilíbrio entre a produtividade, o lazer e o autocuidado.

Na neurociência, aprendemos que, para desenvolvermos um objetivo, temos que criar um plano de ação, ou seja, definir os comportamentos. Geralmente, a pessoa que cria um plano, mentaliza o que vai ganhar com isso, mentaliza nas coisas físicas. Mas um objetivo sem plano de ação se transforma em pura fantasia. A primeira coisa que temos que ter em mente é transformar o objetivo em comportamento, estabelecer o que precisamos fazer para alcançar aquele propósito.

O grande erro é que, muitas vezes, em vez de focarmos naquilo que queremos realizar, a gente deposita energia no que precisamos evitar. Um exemplo clássico é a pessoa que decide emagrecer. A todo momento ela pensa: “Meu Deus, não posso pensar em brigadeiro, não posso comer brigadeiro, brigadeiro engorda”. Só de escrever a palavra três vezes nesse artigo já me deu vontade de correr para a cozinha e fazer uma panela de sobremesa!

Outra dica importante é a pessoa refletir se esses novos comportamentos que ela se predispôs a assumir fazem parte do estilo de vida que ela realmente quer ter. Porque, se não fizerem, vai ser muito difícil se manter empenhada a longo prazo. Quebrar um mau hábito ou desenvolver um bom hábito pode ser um trabalho árduo, mas não é impossível. Aproveitemos o frisson do final do ano para transformarmos o entusiasmo do réveillon em responsabilidades para a vida. Jogue sua flor no mar, use amarelo para atrair riqueza, vermelho para trazer o amor, mas, acima de tudo, passe para si mesmo a procuração de realizar isso tudo.

## Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // [circacunha.dj@dabr.com.br](mailto:circacunha.dj@dabr.com.br)

## IDH e corrupção são irmãos siameses

Para quem busca argumentos com base em dados factuais para aferir o desempenho efetivo dos governos, especialmente no Brasil, um caminho seguro é analisar o que traz o relatório anual apresentado pela Organização das Nações Unidas mostrando a evolução do chamado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Por meio desse documento, a qualidade e a eficiência dos nossos governos para resolver um dos principais problemas a dificultar o progresso do país estão escancaradas para todo o mundo de forma clara e sem possibilidades de contestação.

Nesse sentido, o IDH da ONU funcionaria como uma avaliação internacional semelhante ao Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em que a aprovação, ou não, de gestões governamentais podem ser medidas de acordo com o posicionamento do país nesse ranking que lista pelos parâmetros de bem-estar da população.

É possível afirmar que a maioria dos nossos governos, instalados depois da redemocratização nos anos 1980, continua sendo reprovada, justamente pela incapacidade de solucionar esse que é uma questão secular e o principal obstáculo a impedir o pleno desenvolvimento econômico e social do nosso país.

No Estado de bem-estar social, o que se tem, sem rodeios, é o próprio Estado imbuído da missão de ser o principal agente da promoção social e também o protagonista e organizador das políticas econômicas, todas voltadas para a conquista, por todos, de saúde, educação, segurança e Previdência de qualidade, capazes de garantir o que se denominou cidadania e da dignidade plena.

Em outras palavras, é o Estado a serviço exclusivo da população, para a qual trabalha e serve, principalmente, disponibilizando uma série de serviços públicos de qualidade certificada. Uma análise rápida nesses quesitos assegura que estamos ainda muito longe de atingir um patamar minimamente aceitável dentro dos parâmetros de bem-estar social, ainda mais quando se verifica a posição importante do Brasil entre as grandes economias mundiais e o alto índice de carga tributária cobrada dos brasileiros, considerada uma das maiores do planeta com uma contrapartida em serviços insuficiente ou inoperante.

Não surpreende que muitos analisam esse fato como sendo o Brasil um Estado rico, mas habitado por uma maioria de indivíduos vivendo na pobreza. Um fator que, seguramente, contribui para que esse descompasso seja atribuído aos altos índices de desvio de recursos públicos que, anualmente, segundo o Índice de Percepção de Corrupção (IPC) da Transparência Internacional, coloca o nosso país na posição 106, empatado com países africanos, como Argélia e Egito. O pior nesse cenário desolador é saber que o Judiciário e o Legislativo, que poderiam contribuir para minorar a questão da corrupção endêmica, são parte do problema, enraizado firmemente nas engrenagens da máquina pública.

### » A frase que foi pronunciada

“Um presidente não pode defender uma nação se não for responsabilizado por suas leis.”

DaShanne Stokes, defensor da política, da cultura e dos direitos civis, e conhecido como um ativista progressista

### Autuações

» Lúcio Lahm divulga o aumento da frota de motos para fiscalização do trânsito no DF. Dezenas de motocicletas do governo vão se infiltrar no movimento das pistas e estradas. A iniciativa do diretor de Policiamento e Fiscalização de Trânsito é bem-vinda, principalmente, porque a indisciplina de entregadores de alimentos está passando dos limites. Além de entrarem na contramão, circularem por calçadas, fazem as motos mais barulhentas, deixando os moradores da redondeza em polvorosa.

### Brasil no berço

» Ser empresário no Brasil é uma via-crúcis. É nessa força que o Brasil se apoia com empregos, pequenos e médios empreendimentos. Dar trabalho para o povo precisa ser melhor do que dar esmola vestida com nomes bonitos. O Zé, da banca do Queijo na 311 Sul, comentou que não vende mais tamarindo porque ninguém mais quer ter trabalho. Acabou-se a roda das mulheres fazendo pamonha, os moinhos de farinha no interior. Até os jumentos foram substituídos por motos.

### Brilho

» Quem comanda a Torre de TV é o presidente do BRB, Paulo Henrique Costa. Aliás, que beleza de iluminação. O trabalho bem-feito mostra, cristalina, que vem de quem gosta da cidade.

### Homescholling

» Já foi sancionada a lei que institui o ensino em casa. Falta a regulamentação. O problema, agora, em Brasília é que o ensino de uma criança de quatro anos numa escola bilíngue custa o mesmo que um curso de medicina numa universidade particular.

### » História de Brasília

O assunto é profundo demais e, por favor, não partam para a demagogia neste assunto. Quem fala assim não é gago, nem é candidato a cargo eletivo financiado. (Publicado em 20/1/1962)